



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

CENTRALIDADE PROFÉTICA NO MOVIMENTO DE JESUS¹

Prophetism is central to the movement of Jesus

Ivoni Richter Reimer²
José Carlos de L. Costa³

Resumo: A vida e o ensino de Jesus tiveram um enorme impacto sobre o mundo. Cerca de dois mil anos após sua morte, o que ele disse e fez continua influenciando pessoas de diferentes níveis socioculturais. Por isso é importante compreender que Jesus fazia parte de uma tradição firmemente estabelecida por seus antepassados. Essa tradição encontra no profetismo seu principal representante. A pregação é o aspecto do ministério de Jesus no qual essa influência profética está mais evidente. Essa influência se faz presente em duas áreas principais de sua pregação: no estilo (autoridade profética, combinação de proclamação e predição, uso de parábolas, emprego de ações simbólicas) e no conteúdo (chamado ao arrependimento, anúncio do reino de Deus como uma realidade imediata, exigências divinas, anúncio do julgamento divino, profecia de salvação, crítica à religião nacional, crítica à liderança oficial).

Palavras-chave: Movimento de Jesus. Profetismo. Evangelhos sinóticos. Ministério.

Abstract: The life and teaching of Jesus have had a huge impact on the world for centuries. About two thousand years after his death, what he said and did is still influencing people from many different socio-cultural levels. Therefore it is important to understand that Jesus belonged to a tradition firmly established by his ancestors. The principal representative of that tradition is prophetism. The aspect of Jesus' ministry where we can better see the prophetic influence is his preaching. Such influence is present in two main elements of his preaching: the style (prophetic authority, combination of proclamation and prediction, use of parables, use of symbolic actions) and the contents (call to repentance, announcement of the Kingdom of God as an immediate reality,

¹ O artigo foi recebido em 17 de setembro de 2012 e aprovado em 02 de abril de 2014 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutora em Teologia/Filosofia, pós-doutora em Ciências Humanas, pastora da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). É professora na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás, Goiânia/GO, Brasil). Coordenadora do Núcleo de pesquisa e Estudos da Religião, bolsista produtividade CNPq. Contato: ivonirr@gmail.com

³ Mestre em Teologia, mestre em Ciências da Religião (PUC-Goiás, Goiânia/GO, Brasil), professor de Novo Testamento e Grego, coordenador de Graduação na Faculdade Teológica Batista Equatorial (FATEBE, Belém/PA, Brasil). Contato: pr_jccosta@yahoo.com.br

divine requirements, announcement of the divine judgment, prophecy of salvation, criticism of the national religion, criticism of the official leadership).

Keywords: Movement of Jesus. Prophetism. Synoptic Gospels. Ministry.

Jesus e seu movimento compartilharam de tradições teológicas, éticas e sociais do judaísmo do seu tempo e traziam as marcas dos clamores e anseios de seu povo que sofria sob os jugos de dominação e exploração religiosa e sociopolítica. Tratava-se de um movimento intrajudaico de renovação, que se encontrava em diálogo e conflito com outros movimentos religioso-sociais em seu contexto histórico. Em frutíferas tensões entre rupturas e permanências com suas tradições e com os jogos de poder de sua época, foi construindo seu caminho propositivo de uma vida digna permeada por justiça, compaixão e denúncia. Essa práxis está profundamente influenciada e marcada por vertentes bíblico-teológicas proféticas que recebem destaque neste artigo.

Jesus era líder desse movimento. Como tal, sua vida, seu ensino e sua ação eram elementos constitutivos para a vida de seus discípulos e discípulas, de grupos simpatizantes e comunidades que passaram a se organizar a partir do contato e da vivência e por meio da atividade missionária desse movimento. Neste artigo, focamos a maneira como os evangelhos sinóticos apresentam esse Jesus, sendo possível antecipar que a pregação é o aspecto de sua práxis em que a influência profética é mais perceptível, tanto na forma quanto no conteúdo.

O estilo profético da pregação de Jesus

Os evangelhos sinóticos apresentam Jesus e sua pregação inseridos na tradição dos antigos profetas israelitas. Essa permanência pode ser percebida em diversos aspectos: autoridade e chamado ao arrependimento, anúncio do reino de Deus, exigências divinas, anúncio do julgamento divino, profecia de salvação, crítica às lideranças religiosas oficiais e às relações socioeconômicas baseadas em exploração e injustiça.

A autoridade profética de Jesus

Embora se reconheça que o profetismo não é uma grandeza homogênea, pode-se considerar que os profetas veterotestamentários pregaram como autênticos e plenos representantes de Deus e estavam cientes de que as palavras que falavam não lhes eram próprias, mas eram as palavras de seu Deus. Por isso elas carregavam e representavam seu poder e sua autoridade.⁴

⁴ A esse respeito veja GUNNEWEG, Antonius H. J. *Teologia Bíblica do Antigo Testamento: uma história da religião de Israel na perspectiva bíblico-teológica*. Tradução de Werner Fuchs. São Paulo: Teológica; Loyola, 2005. p. 244 e VAN GRONINGEN, Gerard. *Revelações Messiânicas no Antigo Testamento*. Tradução de Cláudio Wagner. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. p. 33.

À semelhança daqueles profetas, Jesus pregou com autoridade divina, ensinando na consciência de que suas palavras eram as palavras do próprio Deus⁵, motivo pelo qual elas se revestem de absoluta autoridade, tanto para operar milagres quanto para exigir obediência a quem eram dirigidas. Assim, ele “apresenta como normativa sua própria palavra”⁶. Seus contemporâneos perceberam que seu estilo de pregação ia além daquele empregado pelos mestres de seu tempo (Mt 7.28b-29). Os líderes religiosos também perceberam essa autoridade de Jesus, questionando-o severamente (Lc 20.1-2).⁷

A combinação de proclamação e predição

Na maioria dos profetas veterotestamentários, à semelhança do próprio Moisés, existe uma notável combinação de proclamação e predição, sendo que é “justamente esse entrelaçamento [...] que distingue o verdadeiro profeta do mero prognosticador”⁸. Deste modo, os profetas não predisseram o futuro para satisfazer a curiosidade das pessoas, mas para convertê-las à vontade de Deus. Mesmo quando fala do futuro, o profeta está ligado à sua própria situação vivencial pessoal e coletiva.

Como profeta, a pregação de Jesus também foi marcada por esse entrelaçamento de proclamação e predição. Chama a atenção o lamento sobre Jerusalém (Lc 13.34-35 par.), sendo que “Jesus se dirige a eles como um profeta, e prediz que sofrerão as consequências da infidelidade à aliança”⁹, empregando a expressão tipicamente profética “dias virão”. Jesus prediz o juízo que em breve virá contra quem não se converte(u). Embora a pregação de Jesus colocasse em primeiro plano o anúncio da salvação, “para os que não aceitaram a salvação, a pregação de salvação tornou-se a pregação de perdição”¹⁰.

O sermão escatológico (Mt 24-25) também contém esse caráter duplo de proclamação e predição. Nele, Jesus combina predições de eventos escatológicos com exortações práticas aos discípulos e às discípulas. As parábolas que acompanham o

⁵ KLAPPERT, Bertold. A ocorrência e o significado de *logos* e *lego* no NT. In: BROWN, Colin; COENEN, Lothar (Orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 1523.

⁶ BARBAGLIO, Giuseppe. *Jesus, Hebreu da Galileia: pesquisa histórica*. Tradução de Walter Eduardo Lisboa. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 471.

⁷ ENSLIN, M. Scott. *The Prophet from Nazareth*. New York: McGraw-Hill, 1961. p. 111-120, afirmou que foi essa ousada reivindicação de Jesus que fez com que os líderes religiosos da época o rejeitassem e o perseguissem.

⁸ MOTYER, J. A. Profecia, Profetas. In: DOUGLAS, J. D. (Org.). *O Novo Dicionário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1991. v. 2, p. 1318.

⁹ BOCK, Darrell L. *Jesus segundo as Escrituras*. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Shedd Publicações, 2006. p. 296. Acerca da expressão “dias virão” e semelhantes, veja também Lc 17.22; Mt 9.15par.; Mc 2.20; Lc 5.35; cf. 1Sm 2.32; 2Rs 20.17; Jr 7.32; 9.25(24); 16.14; 31.38; Is 39.6; Zc 14.1. Tais expressões são uma forma clássica de profetas anunciarem algum juízo (1Sm 2.31; Jr 9.25; 19.6; 48.12; Am 8;11) ou bênção futura (Jr 16.14; 23.5,7; 30.3; 31.27,38; 33.14; Am 9.13).

¹⁰ THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus Histórico: um manual*. Tradução de Milton Camargo Mota e Paulo Nogueira. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004. p. 288.

anúncio dos eventos acerca do fim podem ser elucidativas dessas exortações. Nelas, os discípulos e as discípulas não são informados acerca de eventos num futuro longínquo, mas são exortados a se preparar e vigiar, pois a vinda do “noivo” pode acontecer a qualquer momento (Mt 24.4,23,25-26,42-51; 25.13).

O uso de parábolas

Nos escritos proféticos, as parábolas têm o propósito de clarificar, fortalecer e comunicar mais urgência à mensagem anunciada.¹¹ Os profetas fizeram amplo uso desse estilo para apresentar suas mensagens ao povo, demonstrando familiaridade com esse gênero literário.¹²

Pesquisas específicas mostram que aproximadamente um terço dos ensinamentos de Jesus registrados nos evangelhos consiste em parábolas e declarações parabólicas.¹³ Exegetas do Novo Testamento afirmam que o método parabólico é parte integrante de toda a missão de Jesus, sendo que, para acharmos algo comparável ao emprego que Jesus fez das parábolas, “seria preciso retroceder muito até os píncaros da pregação profética”¹⁴.

O emprego de ações simbólicas

Os profetas fizeram amplo emprego de ações simbólicas na anunciação de suas mensagens. Desde a ação de Aias de Silo, que rasgou sua capa e entregou dez pedaços ao rei Jeroboão, até as estranhas ações de Ezequiel (4.1-7, 9-17; 12.1-11; 24.1-14, 15-24; 37.15-28) houve um amplo e crescente uso desses atos simbólicos na tradição profética.¹⁵

Em Oseias e Jeremias, os atos simbólicos atingem uma dimensão surpreendente. Nesse ponto, eles deixam de ser apenas uma ação externa do profeta e passam a envolver todas as dimensões de sua vida, no sentido que eles “empregaram a própria vida na pregação, de tal modo que ela, enquanto sinal e testemunho, se transformou em mensagem”¹⁶.

A realização de atos simbólicos igualmente fez parte da práxis de Jesus: “ao praticar atos parabólicos, Jesus ficava dentro da tradição dos profetas

¹¹ A esse respeito veja PEISKER, Carl Heinz. Profeta. In: BROWN; COENEN (Orgs.), 2000, p. 1568.

¹² Veja exemplo da parábola de Natã (2Sm 12.1-7) e outras em 1Rs 20.39,40; Is 5:1-7; 28.23-29; Jr 1.11-19; Ez 15.1-8; 16.1-63; 17.1-24; 19.1-9,10-14; 23.1-49; 24.1-4; 31.1-18; Am 5.18ss.

¹³ Assim, p. ex., PEISKER, 2000, p. 1566.

¹⁴ JEREMIAS, Joachim. *As Parábolas de Jesus*. Tradução de João Rezende Costa. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1986. p. 70. Veja também BROWN, Colin. Parábola, Alegoria, Provérbio. In: BROWN; COENEN, 2000, p. 1574-1580.

¹⁵ Outros exemplos constam em Is 20.1-6; Jr 19.1-15; 27.1-11; cf. 28.1-17; 32.1-44; 43.8-13; 51.59-64. Para uma descrição das ações simbólicas realizadas por Ezequiel, veja SCHREINER, Josef. *Palavra e Mensagem do Antigo Testamento*. Tradução de Benôni Lemos. 2. ed. São Paulo: Teológica, 2004. p. 285.

¹⁶ FÜGLISTER, Notker. Jeremias: Completamente tomado por Deus para o seu serviço. In: SCHREINER, 2004, p. 256.

veterotestamentários”¹⁷. Entre eles constam a purificação do templo (Mt 21.12-13) como símbolo da purificação espiritual que Jesus viera realizar na nação, o lava-pés dos discípulos e discípulas (Jo 13.1-11) como símbolo da purificação espiritual que viera realizar neles, a maldição da figueira (Mt 21.18-20) como símbolo do juízo que traria sobre a liderança rebelde da nação. Ações como a entrada triunfal em Jerusalém (Mt 21.1-11), o batismo (Mt 3.13-17) e a instituição da ceia (Mt 26.26-30) também têm caráter simbólico. O próprio ato de Jesus escolher doze apóstolos (Mt 10.1-4) e setenta discípulos (Lc 10.1ss; cf. Ex 24.1,9; Nm 11.16,24,25) pode ser considerado ato simbólico, além da mudança do nome de alguns deles.¹⁸ Além disso, ao comer com pessoas discriminadas, Jesus estava anunciando a oferta da comunhão e do perdão divino às pessoas pecadoras, marginalizadas por representantes da religião oficial (Mt 9.10-13; Mc 2.15-17; Lc 5.29-32; 15.1ss).¹⁹ As próprias curas e exorcismos que realizou eram símbolo e prenúncio da vitória final contra todas as forças malignas ou demoníacas (Mt 8.16-17; Lc 11.20-22; 13.16), que ameaçavam a dignidade da vida.²⁰

Os atos simbólicos realizados por Jesus, como também se pode verificar especialmente nos últimos profetas, ultrapassam um sentido meramente exterior. Eles demonstram que Jesus não somente proclamava a mensagem do reino, mas incorporava-a em sua própria pessoa.²¹ Neste sentido, Jesus fala da sua morte e ressurreição como um sinal paralelo ao do profeta Jonas (Mt 12.38-40). Portanto, ao realizar atos simbólicos, ele estava encarnando a mensagem que pregava, sendo que por meio dele Deus agia de maneira redentora neste mundo.

O conteúdo profético da pregação de Jesus

Também em relação ao conteúdo, a pregação de Jesus esteve alinhada à pregação profética. Isso pode ser observado no chamado ao arrependimento, no anúncio do reino de Deus, nas exigências divinas, no anúncio do julgamento divino, na profecia de salvação, na crítica à religião nacional e na crítica à liderança oficial.

O chamado ao arrependimento

O termo hebraico *shub*, traduzido por “arrependimento”, tem o sentido de “virar para trás”, “voltar” (qal) e “trazer de volta”, “restaurar” (hifil) para expressar a

¹⁷ BROWN, 2000, p. 1578.

¹⁸ A esse respeito veja JEREMIAS, 1986, p. 227.

¹⁹ JEREMIAS, 1986, p. 227.

²⁰ A respeito das curas e do poder divino manifesto nessa relação, veja RICHTER REIMER, Ivoni. *Milagre das Mãos: curas e exorcismos de Jesus em seu contexto histórico-cultural*. Goiânia: Ed. da UCG; São Leopoldo: Oikos, 2008.

²¹ Essa perspectiva é apontada em BROWN, 2000, p. 1578.

volta ou a conversão a Deus.²² O chamado ao arrependimento é uma característica marcante da mensagem profética.

Por causa da pouca confiança que depositavam nos sacrifícios, vários profetas enfatizaram a necessidade de arrependimento como meio de remover o pecado (Is 1.11; Os 6.6; Am 5.23,24; Mq 6.8). Em várias ocasiões, apelaram ao povo rebelde que se arrependesse (Is 1.19-20; Jr 3.12-13; Ez 18.30-32; Jl 2.12-13; Am 5.4-5; Sf 2.1-3; Zc 1.2-6; Ml 3.7). Esse arrependimento consistia em desviar-se do mal e voltar para Deus (Jr 18.8; Ml 3.7). Aos que se arrependessem, Deus prometia perdão e bênçãos (Is 55.7; Ez 33.14ss; Os 14.6ss; Jn 3.9-10). Porém a falta de arrependimento precipitaria toda a nação nas maldições e no juízo condenatório do Senhor (Is 6.10; Jr 8.4-7; Ez 3.19; Os 5.4; Am 4.6,8,9,10,11).

Essa exigência de arrependimento faz parte da pregação profética de Jesus e é coerente com toda a tradição profética.²³ De acordo com os evangelistas, o arrependimento constituiu um dos elementos mais fundamentais de sua pregação, sintetizando tudo o que Jesus espera do indivíduo.²⁴ Jesus enfatizou a urgência do arrependimento, sendo que o tempo destinado ao arrependimento estava acabando.²⁵ Por isso o indivíduo precisa arrepender-se enquanto ainda há tempo. Essa conversão é entendida por Jesus como uma volta completa da pessoa em direção a Deus e significa dar as costas ao pecado, à injustiça e à hipocrisia (Mt 6.1-18; Mc 10.17-31; Lc 14.33).

Esse chamado de Jesus ao arrependimento é dirigido a todas as pessoas, porque todas são consideradas pecadoras e precisam arrepender-se ou perecerão (Mt 10.6; Lc 13.1-5).²⁶ Assim, o chamado ao arrependimento também confronta e condena aqueles que se julgam justos (Mt 23; Lc 11.39-52).²⁷ O reino e as bênçãos que o acompanham pertencem a todas as pessoas que assumem a postura de uma criança (Mt 18.2-4; Mc 10.15), ou seja, que desistem de seu próprio autoesforço para conquistar tais bênçãos e as buscam totalmente em Deus.

O anúncio do reino de Deus

Embora o termo reino de Deus não apareça na pregação profética, pode-se entender que seu significado está presente e representado, visto que Deus é referido como Rei (Is 6.5; Jr 46.18; Sf 3.15; Zc 14.16), possui um trono e governa sobre Israel e sobre toda a terra (Is 43.15; Ez 1.26).²⁸ Ademais, há várias passagens que falam de

²² Maiores informações em LAUBACH, Fritz. Conversão, Penitência, Arrependimento. In: BROWN; COENEN, 2000, p. 416.

²³ ENSLIN, 1961, p. 75-79.

²⁴ GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Martin Dreher e Ilson Kayser. 3. ed. São Paulo: Teológica, 2002. p. 109.

²⁵ JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução de João Rezende Costa. 2. ed. São Paulo: Teológica, 2004. p. 233. Ver parábolas em Mt 5.25,26; 24.45-51; 25.1-13 Lc 12.54-59; Lc 16.1-9.

²⁶ JEREMIAS, 2004, p. 233-234.

²⁷ GOPPELT, 2002, p. 115-117.

²⁸ LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Darci Dusilek e Jussara Marindir Pinto Simões Arias. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1993. p. 58.

um tempo quando sua soberania se manifestará de modo concreto no mundo (Is 24.23; 45.18-25; Sf 3.15; Zc 14.9ss).²⁹

Dois dados importantes querem ser considerados aqui: 1) em vários aspectos, o conceito de Jesus acerca do reino de Deus esteve alinhado à expectativa geral dos grupos judaicos que o aguardavam, sendo que ele o (re)elabora em sua atuação³⁰; 2) a pregação de Jesus apresenta ênfases próprias acerca da forma de Deus atuar, retomando e reelaborando ênfases e conceitos presentes na tradição profética quanto ao reinado de Deus entre as pessoas.³¹ O principal elemento que demonstra isso é o fato de Jesus falar do reino de Deus como uma realidade imediata, como uma realidade dupla e como uma realidade universal.

O reino de Deus como uma realidade imediata

Por causa da visão numinosa que tinham de Deus, vários profetas pregaram sob a convicção de que “algo novo” e surpreendente estava por acontecer (Is 28.21; 48.3,6-8).³² Eles creram e anunciaram a “irrupção iminente de uma realidade divina não percebida por seus contemporâneos”³³ e compreendiam que Deus e sua soberania irresistível estavam para invadir a história humana e nada ou ninguém poderia impedi-lo ou controlá-lo.³⁴ Deus realizaria em breve uma nova e surpreendente ação histórica que tornaria “caducos todos os antigos acontecimentos da história da salvação”³⁵. Por isso a vida e a morte para Israel dependiam inteiramente dessa nova ação histórica que Deus empreenderia.

Em geral, os contemporâneos de Jesus encaravam o reinado de Deus como uma realidade a ser manifestada apenas escatologicamente.³⁶ A maioria dos grupos judaicos esperava a irrupção do reino de Deus como um evento cataclísmico, trazendo juízo para os inimigos e restauração e libertação para Israel.³⁷

Como um profeta, Jesus anunciou a chegada do reino como uma realidade urgente e iminente³⁸, sendo que seu próprio ministério era visto pelas comunidades como a concretização do reinado de Deus na história (Mt 11.11-13; Lc 4.21; Mt 11.2-

²⁹ MEIER, John P. *Um Judeu Marginal: repensando o Jesus histórico*. Tradução de Laura Romchinsky. Rio de Janeiro: Imago, 1997. v. 2, p. 19-24.

³⁰ BOCK, 2006, p. 541.

³¹ Cf. STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História Social do Protocristianismo: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. Tradução de Nélcio Schneider. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004. p. 236.

³² BRIGHT, John. *História de Israel*. Tradução de Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Paulus, 1978. p. 482.

³³ EICHRODT, Walther. *Teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Cláudio J. A. Rodrigues. São Paulo: Hagnos, 2004. p. 306.

³⁴ EICHRODT, 2004, p. 308-309.

³⁵ VON RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Francisco Catão. São Paulo: ASTE, 1974. p. 115.

³⁶ BOCK, 2006, p. 547; THEISSEN e MERZ, 2004, p. 279.

³⁷ GOPPELT, 2002, p. 85; THEISSEN e MERZ, 2004, p. 270-271.

³⁸ KLAPPERT, 2000, p. 1522; BARBAGLIO, 2011, p. 276-277.

6; Lc 10.23-24).³⁹ Um dos textos mais reveladores da expectativa de Jesus com respeito à irrupção do reino de Deus é Mc 9.1, onde suas palavras acerca das implicações de expulsar demônios “pelo Espírito de Deus” demonstram que ele, na perspectiva de Marcos, compreendia que o reinado de Deus já estava operante (ver também Mt 12.28; Lc 11.20).⁴⁰ A urgência e iminência da irrupção do reino também podem ser notadas no apelo de abandonar tudo, que Jesus fez às pessoas que queriam segui-lo (Mt 8.22; Mc 1.17s; Lc 9.60ss). Além disso, ao enviar seus discípulos, Jesus também salientou a urgência com a qual deveriam anunciar a mensagem do reino (Mt 10.4; Lc 10.9; Jo 4.35). Seu próprio ministério de ensino e cura foi caracterizado por esse senso de urgência e compaixão (Lc 4.43; Jo 4.31-35; 9.4).⁴¹ Várias parábolas proferidas por ele enfatizam o elemento presente e imediato do reino de Deus (Mt 13; Lc 14.15-24). A antecipação presente dos dons salvíficos relacionados à irrupção do reino de Deus pode ser antevista nas várias curas, ressurreições e exorcismos que realizou durante seu ministério.⁴² Além disso, o próprio dom do perdão oferecido por Jesus traz para o presente uma das mais esperadas bênçãos do novo tempo (Mc 2.5; Lc 7.36-50; cf. Jr 31.31-33). Deste modo, na pregação do nazareno, o reino de Deus não é somente um acontecimento a se concretizar num futuro escatológico, mas é um dom a ser recebido já no tempo presente (Mt 6.33; Mc 10.15; Lc 12.32).⁴³

O reino de Deus como uma realidade dupla

Na tradição profética encontra-se também o anúncio que a manifestação dessa nova realidade divina seria totalmente diferente daquilo que contemporâneos de alguns profetas imaginavam (Hc 1.5; Is 29.9,14; Ez 12.22-28). A grande surpresa dessa realidade seria o efeito duplo da chegada da soberania de Deus frente à nação. De acordo com a expectativa contemporânea geral, a vinda de Deus e a manifestação de seu domínio universal na história teriam um efeito benéfico apenas para Israel. Porém os profetas anunciaram que esse novo tempo traria bênção e salvação para aqueles que humildemente seguissem as exigências de Deus e isso traria juízo e condenação aos que permanecessem em sua autossuficiência e prática de injustiça e opressão.

Como no tempo daqueles profetas, também havia contemporâneos de Jesus que esperavam a chegada do reino de Deus como uma realidade benéfica para Israel. Aguardavam esse dia como um evento que traria a vitória da nação eleita sobre os

³⁹ BARBAGLIO, 2011, p. 280.

⁴⁰ De acordo com BOCK (2006, p. 548) trata-se de um exercício real do poder divino que já se fazia visivelmente presente por meio da expulsão de demônios. ,3,24; 16.16. Cf. LADD,

⁴¹ Acerca das curas de Jesus, veja RICHTER REIMER, 2008.

⁴² Veja a esse respeito em LADD, 1993, p. 72-73; BOCK, 2006, p. 548; GOPPELT, 2002, p. 95-96 e RICHTER REIMER, 2008. Nos textos bíblicos há vários exemplos para isso: Mc 5.23,34; Lc 8.36; Mt 11.4,5; cf. Is 29.18ss.

⁴³ THEISSEN e MERZ, 2004, p. 279-285. Para uma abordagem detalhada ver MEIER, 1997, p. 213-288.

seus inimigos e opressores, a reunião do povo disperso em uma única terra sob o domínio de Deus.⁴⁴

O aspecto duplo – salvação e juízo – do ministério de Jesus é inicialmente anunciado por João Batista (Mt 3.11; Lc 3.16). João afirmava que, através do que “há de vir”, Deus faria uma separação final e definitiva entre justos e ímpios. Os justos seriam acolhidos e salvos, enquanto os ímpios seriam julgados e condenados.⁴⁵ As parábolas do joio e do trigo (Mt 13.34-43) e da rede (Mt 13.47-50) indicam que a manifestação escatológica do reino representaria uma separação final entre “os filhos do reino” e “os filhos do maligno”. Entretanto, a passagem mais clara acerca do aspecto duplo que a manifestação do reino traria é Mt 25.31-46, onde o juízo decorrente da não conversão e as bênçãos decorrentes da obediência atingem sua dimensão plena, real, espiritual e eterna.⁴⁶

Portanto a nação, de modo coletivo, e o indivíduo, de modo particular, são chamados a tomar uma decisão radical diante do ministério de Jesus. Dessa decisão depende seu destino histórico e eterno. Assim, o reino de Deus traz bênção e salvação para as pessoas que o recebem, mas juízo e condenação para quem o rejeita.⁴⁷

O reino de Deus como uma realidade universal

Diferentemente da maioria de seus contemporâneos, que encarava o reino histórico de Deus como uma realidade nacional, alguns profetas já anunciavam a chegada de um reinado com feições universais. Mesmo que Israel estivesse basicamente no centro, a soberania de Deus abarcaria beneficentemente as nações (Sf 3.9ss; Zc 8.20-22; Is 9.1; 26.9). Especialmente o Trito-Isaías enfatiza esse aspecto universalista do reinado de Deus (Is 42.1,6; 49.6): por meio de seu Ungido, ele estenderia seu domínio sobre toda a terra, faria uma aliança com os povos e instauraria a verdadeira paz universal (Is 19.23-25; Jr 16.19-21; Sf 3.9-10; Zc 8.20-23).

A maioria dos contemporâneos de Jesus não diferia muito desse entendimento. Por relacionar a participação no reino com a conformidade em relação às tradições éticas, litúrgicas e culturais israelitas, o judaísmo da época de Jesus acabava por restringi-lo à nação de Israel. Neste sentido, o judaísmo pós-exílico entendia majoritariamente o reino de Deus como a manifestação da “soberania de Israel sobre seus inimigos políticos e nacionais”⁴⁸.

Embora a pregação de Jesus, de acordo com algumas narrativas, tenha sido destinada primeiramente às “ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 15.24), encontra-

⁴⁴ Veja maiores informações e referências, consultar: LADD, 1993, p. 60; GOPPELT, 2002, p. 85; THEISSEN e MERZ, 2004, p. 269-271.

⁴⁵ BARBAGLIO, 2011, p. 195-196; LADD, 1993, p. 35-37.

⁴⁶ Acerca dessa parábola, veja comentários de RICHTER REIMER, Ivoni. Economia de Deus e diaconia: estratégias de esperança para o mundo (Mt 25,31-46). In: _____ (Org.). *Economia no mundo bíblico: enfoques sociais, históricos e teológicos*. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2006. p. 192-213.

⁴⁷ THEISSEN e MERZ, 2004, p. 288-298.

⁴⁸ LADD, 1993, p. 62.

mos várias evidências que o reino de Deus por ele anunciado tinha uma abrangência mundial (Mc 12.1-12; Mt 21.33-46; Lc 20.9-19). A participação no reino deixaria de depender da ascendência israelita para depender unicamente da resposta que cada indivíduo apresenta a Jesus e sua proposta. Assim, “gentios e judeus comerão juntos com os patriarcas” no reino de Deus (Mt 8.11-12; Lc 13.29,30).⁴⁹ A participação dos gentios nesse reinado é ilustrada pelas parábolas da vinha (Mt 21.33-46) e do grande banquete (Lc 14.15-24). A “grande comissão” reitera a intenção universal de Jesus a respeito do reinado de Deus (Mt 28.18-20; Mc 16.15,16; Lc 24.46-49), e as “boas notícias” do reino devem ser pregadas a todas as nações (Mt 28.20; Lc 24.47).

A radicalidade das exigências divinas

Tanto para os profetas quanto para Jesus, as exigências de Deus para o indivíduo são absolutas. Do ponto de vista dos profetas, a conversão significa a volta para Deus e o abandono de tudo que prejudique ou ameace esse novo relacionamento.⁵⁰ Deus exige da pessoa dedicação completa e exclusiva: o profeta Elias dizia que não se pode coxear entre dois pensamentos (1Rs 18.21b); vários profetas tratam a deslealdade a Deus como adultério, empregando uma série de imagens patriarcais (Is 1.21; Jr 2.20-37; Ez 16.1-63; Os 2.2-13; Mq 1.7).

Em cada época o profetismo israelita enfrentou problemas diferentes. Os profetas pré-clássicos combateram o sincretismo da religião javista com a religião naturalista de Canaã. A luta dos profetas clássicos foi mais contra a confiança nas potências mundiais em busca de livramento político. Todos eles, contudo, lutaram contra qualquer elemento que pudesse rivalizar com a confiança do país unicamente em Deus: somente nele, Israel deveria buscar sua salvação e seu refúgio.

Nos profetas, como em Jesus, a idolatria adquire uma perspectiva mais ampla. Qualquer realidade pode ser divinizada pelo indivíduo ou pela nação.⁵¹ Em alguns momentos, os profetas aplicaram o conceito de idolatria aos instrumentos de poder (armamentos, estratégias militares, alianças com nações estrangeiras), sendo que, para eles, confiar no agir humano ao invés de confiar em Deus era tão grave quanto adorar uma imagem de escultura (Is 30.1-5; Jr 2.18,36; Ez 16.1-27; Os 7.8-12; Mq 5.9-10; Hc 1.16; Zc 4.6).⁵²

Os profetas também aplicaram o conceito de idolatria à propriedade, sendo que a própria riqueza pode se constituir em Deus (Jr 9.22ss; Ez 7.19; Am 6.4-6; Sf 1.18). Esse tipo de idolatria é até mais forte que a adoração a Baal ou a qualquer outra

⁴⁹ THEISSEN e MERZ, 2004, p. 294.

⁵⁰ FÜGLISTER, 2004, p. 251.

⁵¹ SICRE, José Luis. *Profetismo em Israel: o profeta, os profetas, a mensagem*. Tradução de João Luis Baraúna. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 339-340.

⁵² SICRE, 1996, p. 341-346.

divindade, pois é capaz de determinar os oráculos proféticos, o ensino dos sacerdotes, a sentença do juiz e as declarações das testemunhas.⁵³

Semelhantemente, para Jesus, confiar na riqueza ao invés de confiar em Deus era tão grave quanto trocá-lo por outro Deus (Mt 19.23,24; Mc 4.19; Lc 12.13-34). É nesse sentido que Jesus coloca a riqueza em paralelo com as palavras de Elias acerca do culto a Baal (Mt 6.24; cf. 1Rs 18.21). Aqui, no caso, a escolha que o indivíduo precisa fazer não é mais entre servir a Deus ou a Baal, mas entre servir a Deus ou a Mammon.

Contudo, nem os profetas nem Jesus demonizam os bens materiais em si, mas na relação que com eles se estabelece. O que os diviniza é a atitude da pessoa em relação a eles.⁵⁴ O que comunica aos bens materiais o caráter de injustiça é a atitude de cobiça que o ser humano passa a ter em relação a eles. Essa cobiça se manifesta em egoísmo, exploração do outro, preocupações indevidas e autoconfiança (Jr 9.22ss; Ez 7.19; Am 6.6; Sf 1.18; Mt 6.25). A preocupação excessiva com a própria sobrevivência constitui uma certa autoidolatria (Mt 6,25; 15.7-9), denunciada por Jesus, porque o indivíduo corre o risco de subordinar tudo aos próprios interesses e ambições (Lc 11.37-52).

Portanto a pregação de Jesus e a dos profetas exigem do ser humano uma decisão radical que priorize Deus e a sua obra em relação a qualquer outro compromisso ou preocupação (Mt 6.33; 10.34-39; Lc 9.57-62). O amor e a fidelidade a Deus devem estar acima das obrigações mais nobres e sagradas e das preocupações mais urgentes, mesmo acima da própria existência (Mt 16.24; Lc 14.26).

O anúncio do julgamento divino

A mensagem profética caracteriza-se por dois elementos inseparáveis: o anúncio da salvação e o anúncio da desgraça.⁵⁵ Especialmente antes do exílio, os profetas advertiram o país de que o juízo de Deus estava se aproximando (Is 41.1ss; Jr 2.4-9; Ez 20.33-38; Os 4.1; Am 3.1ss; Mq 1).⁵⁶ A razão para a vinda do juízo era o dado de que o povo não cumpria sua parte na aliança com Deus. Esse juízo viria na forma de secas, pestilência, terremotos, derrota diante do inimigo e, finalmente, o exílio. Jr 28.8-9 identifica a profecia de julgamento como a marca característica de um verdadeiro porta-voz de Deus.

⁵³ SICRE, 1996, p. 347-351.

⁵⁴ A esse respeito veja SICRE, 1996, p. 349; RICHTER REIMER, Ivoni. “A origem de todo mal está na ganância”: desigualdades sócio-econômicas na Bíblia. In: CONIC; FERREIRA, Francisco Whitaker (Orgs.). *A desigualdade no Brasil deve ser superada?* Relatório sobre a dignidade humana e a paz no Brasil 2005-2007. São Paulo: Olho d’Água, 2007. p. 93-106, e também RICHTER REIMER, Ivoni; REIMER, Haroldo. Defesa da dignidade humana em textos bíblicos. In: RICHTER REIMER, Ivoni (Org.). *Direitos Humanos: enfoques bíblicos, teológicos e filosóficos*. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011. p. 27-46.

⁵⁵ JEREMIAS, 2004, p. 195.

⁵⁶ PEISKER, 2000, p. 1881.

Como autêntico profeta, Jesus pregou convencido de que o julgamento divino estava próximo. Haveria um acerto de contas que Deus faria com todas as pessoas (Mt 10.15,32,33; 25.34,41; Mc 3.29; Lc 12.4-12). Esse juízo viria repentina e inesperadamente (Mt 24.37-41; Lc 17.26-30). Esse grande e definitivo acerto de contas não alcançaria apenas os povos gentílicos, mas também viria sobre Israel e sua capital (Mt 23.37-39; Mc 13.14; Lc 13.34,35).

Como Joel, Jesus enfatiza que as catástrofes que aconteceram recentemente na nação (a queda da torre de Siloé e a chacina realizada por Pilatos contra os galileus) eram apenas prenúncios de um juízo muito mais severo que brevemente viria (Lc 13.1-9; cf. Jl 1.1-20). Seria um juízo tão terrível que já se deveria lamentar por quem o sofreria, sendo que Jesus compara o juízo final e a situação de sua geração com a do dilúvio e com o juízo das cidades ímpias de Sodoma e Gomorra (Mt 24.37-39; Lc 17.26-29).

Além das declarações explícitas, Jesus também lança mão das metáforas da ceifa, da peneiração e separação para falar do julgamento final (Mt 13.29-30; 25.31-46). O juízo escatológico é comparado com o ficar de fora da festa de casamento, após o noivo haver fechado a porta (Mt 25.1-13,31-46), ficar excluído do banquete após se haver rejeitado seu gracioso convite (Mt 22.1-14), ficar do lado de fora do abrigo noturno, nas trevas e no frio (Lc 13.22-30), o aprisionamento por uma dívida impagável (Mt 18.32-35), a eliminação pela falta de frutos (Lc 13.6-9) e a punição e destruição por desonestidade e crueldade no trato do alheio (Mt 21.33-41; 24.45-51; 25.14-30; Lc 12.35-48; 19.11-27).⁵⁷

A profecia de salvação

Os profetas não anunciaram apenas juízo para a nação ou para grupos dentro dela. Em conexão com esse julgamento, Deus também prometeu libertação e salvação para o seu povo (Is 2.1-5; Jr 30-33; Ez 11.14-25; Dn 7.27-28; Os 11; Jl 2.12-32; Am 9.11-15; Mq 2.12,13; Sf 3.8-20; Ag 2.1-9; Zc 8-14; Ml 4). Essa libertação estava ancorada na vontade, fidelidade e amor incondicional do próprio Deus, e não do povo, sendo que essa restauração estava estreitamente relacionada com o estabelecimento do reino messiânico e seria acompanhada por mudanças radicais na política, no culto, nas práticas religiosas e na vida do país.⁵⁸

Vinculada à tradição profética, a pregação de Jesus também anuncia a chegada de um novo tempo na história da salvação.⁵⁹ Sua missão consistia em proclamar e realizar essa salvação (Mt 18.11; Mc 10.45; Lc 1.69; 19.10; Jo 4.42; 10.10), que se caracteriza pela irrupção do reino de Deus. As bênçãos anunciadas por esse reino já podem ser vivenciadas e simultaneamente assumem caráter escatológico (“já e ainda não”). Fundamentalmente, essa salvação se refere à “restauração da comunhão entre Deus

⁵⁷ Para as imagens e metáforas para juízo, empregadas por Jesus, ver THEISSEN e MERZ, 2004, p. 290-291.

⁵⁸ PEISKER, 2000, p. 1881.

⁵⁹ THEISSEN e MERZ, 2004, p. 293-295.

e o homem, que fora quebrada pelo pecado⁶⁰. As bênçãos anunciadas por Jesus são comparadas ao fato de pessoas participarem como convidadas de honra de uma festa de casamento (Mt 25.1-13,31-46) ou de um banquete real (Mt 22.1-14; Lc 14.16-24). Na pregação de Jesus, as bênçãos do reino alcançam especialmente os desprovidos dos bens, conforto e reconhecimento neste mundo⁶¹, o que constitui uma inversão dos valores e da lógica do reino de Deus em relação aos do “mundo”.

A crítica profética à religião nacionalista

Um dos elementos importantes da atuação profética é a chamada *atitude profética de protesto*.⁶² Os profetas criticaram o que viam ser a institucionalização da religião israelita. Os porta-vozes de Deus denunciavam as diversas formas de atividades culturais (festas, peregrinações, oferendas, sacrifícios, orações etc.)⁶³. Jr 7.21-23, Os 6.6 e Mq 6.6-8 criticaram o sistema sacrificial israelita; Jr 7 e 26 atacou a falsa confiança que o povo depositava no templo; Is 1.1-17 e Am 5.21-25 teceram críticas acirradas ao sistema cultural israelita. Há que se perceber, porém, que esses mensageiros não combateram o culto em si, mas o abuso dele. Eles rejeitaram radicalmente que o culto fosse encarado em sentido mágico. O acesso a Deus não pode se dar por meio de ações meramente litúrgicas, mas como uma comunicação profunda de caráter pessoal da pessoa crente com o seu Deus.⁶⁴

Como os profetas, Jesus também foi um crítico das instituições religiosas de sua época. Uma diferença entre Jesus e os profetas reside no problema e suas razões. No caso dos profetas, o problema teve origem numa secularização da vida nacional causada principalmente pela estatização da religião. O principal resultado disso era um sincretismo com as tradições religiosas cananeias e uma crescente injustiça em relação às camadas sociais inferiores. No caso de Jesus, a mudança havia ocorrido em função de uma ênfase legalista das tradições religioso-culturais por parte da elite religiosa centrada no templo. O resultado foi um apego meticuloso às leis cerimoniais e litúrgicas, colocando o risco de um distanciamento do propósito dos mandamentos divinos. Em ambos os casos, as consequências são bastante semelhantes: o apego a uma religiosidade “racionalista” e o afastamento da vontade de Deus que consistia fundamentalmente na prática da compaixão ético-transformadora. Os “especialistas” haviam aprendido o modo de fazer sua própria vontade, “mediante um hábil manejo da lei”⁶⁵. A religiosidade não mais era um meio de manifestar o amor e a obediência do crente, mas tornara-se uma maneira de engrandecimento do próprio indivíduo (Mt 6.2; 23.5-7; Lc 16.15).

⁶⁰ LADD, 1993, p. 70.

⁶¹ BARBAGLIO, 2011, p. 289-299.

⁶² FÜGLISTER, 2004, p. 186.

⁶³ SICRE, 1996, p. 381.

⁶⁴ BALLARINI, Teodorico; BRESSAN, Gino. *O Profetismo Bíblico: uma introdução ao profetismo e profetas em geral*. Tradução de Fr. Oswaldo Antônio Furlan. Petrópolis: Vozes, 1978. p. 66.

⁶⁵ EICHRODT, 2004, p. 335.

Como profeta, Jesus criticou as expressões religiosas dominantes, nas quais as pessoas depositavam confiança para sua própria segurança. O templo não poderia ser considerado o local exclusivo da adoração e do serviço ao Senhor (Jo 4.21-24; cf. Is 66.1-2; Jr 7.1-15; Mq 3.12); ele seria destruído e substituído (Mc 11.27-13.2).⁶⁶ Jesus também criticou o sistema cultural, quando visto como meio automático de bênção e salvação (Lc 18.9-14). Para Jesus, o que agrada a Deus não é a sujeição ao sistema cultural, mas a prática consciente da sua vontade (Mt 9.13; cf. Os 6.6). Com respeito à Lei, tanto Jesus quanto Jeremias perceberam que os “peritos” podem deturpá-la, sujeitando-a ao serviço de seus próprios interesses (Mt 15.3-9; cf. Jr 8.8-9; Lc 11.42; cf. Jr 8.23,24). Assim, Jesus priorizou a obediência à vontade de Deus e o relacionamento pessoal com ele em relação à prática litúrgica ou subserviência às ordenanças legais (Mt 5.21-48; Lc 18.9-14).

A crítica às lideranças político-religiosas oficiais

Na visão de vários profetas, os líderes na nação “estavam mais preocupados com os privilégios do que com suas responsabilidades”⁶⁷, motivo pelo qual os criticavam. As denúncias dos profetas são concretas e específicas, marcadas por franqueza implacável (Am 2.6-8; Mq 3.9-11). Essas críticas se dirigem contra a liderança política e religiosa da nação, a realeza e funcionários do Estado (Is 7.18-25; Jr 22.13-19; Ez 17; Os 9.15; Am 7.9). Jeremias confronta pessoalmente alguns reis de Judá, seus contemporâneos, por sua não observância da vontade de Deus (Jr 21.11-12; 36.30-31). Em Ez 17; 19; 34 temos parábolas para denunciar os erros dos reis e as vãs esperanças neles depositadas. A principal polêmica dos profetas contra a liderança política de Israel era o abandono da vontade de Deus e a confiança em suas próprias forças ou na capacidade bélica de seus aliados (Os 7.11ss; 12.2). A crítica profética aos líderes religiosos denuncia sua participação em crimes cometidos pela elite nacional, que consiste principalmente em justificar e tolerar uma situação que é contrária à vontade de Deus.⁶⁸ Os sacerdotes são denunciados por não colocarem a vontade de Deus e o bem-estar do povo no centro de suas funções, (pre)ocupando-se mais com suas próprias ambições (Jr 2.8; Ez 22.26; Os 4.4; Mq 3.11). A maioria deles não tem escrúpulos em conseguir o que quer, e a Lei de Deus é distorcida (Sf 3.4; Ml 2.8ss), sendo também acusados de corrupção, profanação e outros pecados graves (Is 28.7ss; Jr 8.10,18; Ez 22.26; Os 6.9; Sf 3.4; Ml 2.8ss). Sacerdotes são denunciados por transformar o culto em um negócio lucrativo (Os 4.8).

Nessa dinâmica, também alguns dentre os profetas são confrontados (Jr 23.9-40; Mq 2-3) e acusados de acalantar falsas esperanças para o povo, independente de sua relação com a aliança com Deus (Jr 8.11; 23.9ss). Esses “falsos profetas” tran-

⁶⁶ HORSLEY, Richard. *Jesus e o Império: o reino de Deus e a nova desordem mundial*. Tradução de Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2004. p. 97-104.

⁶⁷ SCOTT, R. B. Y. *Os Profetas de Israel: nossos contemporâneos*. Tradução de Joaquim Beato. São Paulo: ASTE, 1968. p. 188.

⁶⁸ SICRE, 1996, p. 368.

quilizam a consciência do perverso, anunciando paz, enquanto o país mergulha na desgraça (Jr 6.13-14; Ez 22.28; Mq 2.6-11).⁶⁹ Como os sacerdotes, também eles são denunciados de corrupção e crimes graves contra as leis de Deus (Is 28.7ss; Jr 23.13-14; Mq 2.11; Sf 3.4).

Jesus também formulou críticas às lideranças oficiais da nação, especialmente as religiosas.⁷⁰ A crítica não é tanto em relação ao conteúdo do que ensinavam, mas mais à sua prática. Como os profetas, as acusações de Jesus assumiram feições bastante concretas e específicas e demonstraram grande ousadia (Mt 6.2,5,16; 23.1-36; Lc 12.56; 13.15; cf. Is 3.14,15; Os 7.1-7; 6.9). Ele os acusou de ser hipócritas e orgulhosos, chamou alguns deles de “sepulcros caiados”, “guias de cegos” e “raça de víboras”. De maneira radical, acusou dirigentes de Jerusalém de haver assassinado os servos enviados por Deus para adverti-los (Mt 23.29-39).⁷¹ Por isso Jesus anunciou um rigoroso e imparcial juízo por meio de metáforas contra essa liderança prepotente por meio de parábolas (Mt 12.33-37; 16.5-12; 20.1-16; Lc 13.6-9; Mt 21.28-32; 21.33-46; Lc 15.25-32; 18.9-14; 22.1-14; Lc 14.15-24).

Conclusão

Jesus foi um homem de seu tempo que recebeu várias influências de seu contexto sociocultural e político. No estudo realizado, elaboramos que a mais importante contribuição para sua práxis teve origem em sua herança religiosa judaica. Os evangelhos sinóticos apresentam Jesus, suas ações e seu ensino como profundamente influenciados por tradições veterotestamentárias, sendo que aqui destacamos as proféticas. Dentro do movimento de Jesus, essa influência aparece principalmente em sua pregação e se faz presente em duas características inter-relacionadas. Uma pode ser observada em relação do estilo profético: autoridade profética, combinação de proclamação e predição, uso de parábolas, emprego de ações simbólicas, e a outra em relação ao conteúdo profético: chamado ao arrependimento, anúncio do reino de Deus como uma realidade imediata, exigências divinas, anúncio do julgamento divino, profecia de salvação, crítica à religião nacional e crítica à liderança oficial.

A vida e a práxis de Jesus estão arraigadas na tradição profética de seu povo, marcada pela denúncia à opressão e à injustiça e pelo anúncio de vida digna por meio de justiça, paz e compaixão. Essa atuação profética de Jesus tem em vista os níveis religiosos e político-sociais, chamando ao arrependimento, à conversão, à mudança de mentalidade e de ação. Nesse movimento, novas relações tornam-se possíveis e necessárias, sendo que mulheres e homens são chamados para ser testemunhas de um novo tempo, que sempre de novo se faz urgente.

⁶⁹ SICRE, 1996, p. 134.

⁷⁰ HORSLEY, 2004, p. 87-104.

⁷¹ HORSLEY, 2004, p. 95-96.

Referências

- BALLARINI, Teodorico; BRESSAN, Gino. *O Profetismo Bíblico: uma introdução ao profetismo e profetas em geral*. Tradução de Fr. Oswaldo Antônio Furlan. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BARBAGLIO, Giuseppe. *Jesus, Hebreu da Galileia: pesquisa histórica*. Tradução de Walter Eduardo Lisboa. São Paulo: Paulinas, 2011.
- BOCK, Darrell L. *Jesus segundo as Escrituras*. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Shedd Publicações, 2006.
- BRIGHT, John. *História de Israel*. Tradução de Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Paulus, 1978.
- BROWN, Colin; COENEN, Lothar. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2.
- EICHRODT, Walther. *Teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Cláudio J. A. Rodrigues. São Paulo: Hagnos, 2004.
- ENSLIN, Morton Scott. *The Prophet from Nazareth*. New York: McGraw-Hill, 1961.
- FÜGLISTER, Notker. Jeremias: Completamente tomado por Deus para o seu serviço. In: SCHREINER, Josef. *Palavra e Mensagem do Antigo Testamento*. Tradução: Benôni Lemos. 2. ed. São Paulo: Editora Teológica, 2004. p. 239-258.
- GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Martin Dreher e Ilson Kayser. 3. ed. São Paulo: Teológica, 2002.
- GUNNEWEG, Antonius H. J. *Teologia Bíblica do Antigo Testamento: uma história da religião de Israel na perspectiva bíblico-teológica*. Tradução de Werner Fuchs. São Paulo: Teológica; Loyola, 2005.
- HORSLEY, Richard. *Jesus e o Império: o reino de Deus e a nova desordem mundial*. Tradução de Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2004.
- JEREMIAS, Joachim. *As Parábolas de Jesus*. Tradução de João Rezende Costa. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1986.
- _____. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução de João Rezende Costa. 2. ed. São Paulo: Teológica, 2004.
- LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Darci Dusilek e Jussara Marindir Pinto Simões Arias. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1993.
- MEIER, John P. *Um Judeu Marginal: repensando o Jesus histórico*. Tradução de Laura Romchinsky. Rio de Janeiro: Imago, 1997. Volume 2, Livro 2; mensagem.
- MOTYER, J. A. Profecia, Profetas. In: DOUGLAS, J. D. *O Novo Dicionário da Bíblia*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1991. v. 2, p. 1318-1329.
- REIMER, Haroldo; RICHTER REIMER, Ivoni. Defesa da dignidade humana em textos bíblicos. In: RICHTER REIMER, Ivoni (Org.). *Direitos Humanos: enfoques bíblicos, teológicos e filosóficos*. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011. p. 27-46.
- RICHTER REIMER, Ivoni. Economia de Deus e diaconia: estratégias de esperança para o mundo (Mt 25,31-46). In: _____ (Org.). *Economia no mundo bíblico: enfoques sociais, históricos e teológicos*. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2006. p. 192-213.
- _____. “A origem de todo mal está na ganância”: desigualdades sócio-econômicas na Bíblia. In: CONIC; FERREIRA, Francisco Whitaker (Orgs.). *A desigualdade no Brasil deve ser superada? Relatório sobre a dignidade humana e a paz no Brasil 2005-2007*. São Paulo: Olho d'Água, 2007. p. 93-106.
- _____. *Milagre das Mãos: curas e exorcismos de Jesus em seu contexto histórico-cultural*. Goiânia: Ed. da UCG; São Leopoldo: Oikos, 2008.

- SCHREINER, Josef. *Palavra e Mensagem do Antigo Testamento*. Tradução de Benôni Lemos. 2. ed. São Paulo: Teológica, 2004.
- SCOTT, R. B. Y. *Os Profetas de Israel: nossos contemporâneos*. Tradução de Joaquim Beato. São Paulo: ASTE, 1968.
- SICRE, José Luís. *Profetismo em Israel: o profeta, os profetas, a mensagem*. Tradução de João Luís Baraúna. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História Social do Protocristianismo: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. Tradução de Nélío Schneider. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004.
- THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus Histórico: um manual*. Tradução de Milton Camargo Mota e Paulo Nogueira. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- VAN GRONINGEN, Gerard. *Revelações Messiânicas no Antigo Testamento*. Tradução: Cláudio Wagner. 2. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003.
- VON RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Francisco Catão. São Paulo: ASTE, 1974. v. II.